

Mercado externo gaúcho e fluxos de comércio com a Argentina[#]

Luís Fernando Bicca Marques^{*}
Maria Juliana Zeilmann Fabris^{**}
Rafael Rockenbach da Silva Guimarães^{***}
Vera Maria Schneider^{****}

Title: The Foreign Market of Rio Grande do Sul and the Trade Flow with Argentina

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo avaliar como a crise econômica argentina influenciou o nível de atividade do Rio Grande do Sul, em especial nos anos 2001 e 2002. Conclui-se que o impacto da recessão no país vizinho foi suavizado pelo cenário internacional positivo, que permitiu manutenção do crescimento das exportações gaúchas, bem como a diversificação de mercados. Por esses motivos, as conseqüências da crise argentina sobre a atividade econômica do Estado foram menores do que o esperado.

Palavras-chave: Argentina, comércio exterior, Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

This article evaluates how the economic crisis in Argentina influenced the level of activity in Rio Grande do Sul, especially during 2001 and 2002. The impact of the recession in the neighboring country was softened by the positive international scenario, which contributed to the increase of the commercial exchange with other countries. Because of that, the consequences of the Argentinean crisis were less serious than what had been expected.

Key words: Argentina, trade, Rio Grande do Sul.

JEL Classification: F1, F13, F14

Introdução

Esse trabalho se propôs a caracterizar o comércio externo do Rio Grande do Sul e detalhar o intercâmbio comercial com a Argentina. A crise econômica nesse país, agravada em 2002, bem

[#] Agradecemos a crítica sempre construtiva de Luiz Sampaio Malan e a colaboração de João Batista de Abreu Campos e de Marcos Renz. Quaisquer incorreções são de inteira responsabilidade dos autores.

^{*} Mestre em Administração pela UFRGS, professor da UNISINOS e analista do Banco Central do Brasil. luis.bicca@bcb.gov.br

^{**} Mestre em Economia pela UFRGS, analista do Banco Central do Brasil. E-mail: juliana.fabris@bcb.gov.br

^{***} Bacharel em Ciências Contábeis pela PUCRS, analista do Banco Central do Brasil. rafael.guimaraes@bcb.gov.br

^{****} Mestre em Economia pela UFRGS, professora da PUCRS e analista do Banco Central do Brasil. vera.schneider@bcb.gov.br

como a sua recuperação, desde meados de 2003, impactaram os fluxos de comércio com o Estado. O objetivo desse estudo é avaliar como essas oscilações influenciaram a economia gaúcha. Esse interesse decorre basicamente da representatividade do país vizinho no intercâmbio comercial do Estado. O trabalho é estruturado de forma a abordar, inicialmente, a evolução do câmbio e a importância do comércio internacional na geração do PIB estadual. Segue-se análise específica do comércio com a Argentina, com ênfase nos principais produtos comercializados.

Da análise realizada foi possível constatar que, dadas as condições favoráveis para a expansão comercial que vigoraram nos primeiros anos da atual década, a retração da demanda argentina não teve grande impacto sobre a economia do Rio Grande do Sul que, para a maior parte dos produtos, pôde redirecionar suas exportações para mercados alternativos. Observou-se também que a recuperação da economia do país vizinho foi acompanhada pelo seu retorno à posição de segundo maior destino das vendas gaúchas, no primeiro semestre de 2004.

Comparando as trocas comerciais com a Argentina do período pré-crise com o período de recuperação, observou-se que as vendas externas cresceram de forma mais intensa do que as importações, comportamento que causou redução do déficit comercial do Estado. A acentuada elevação da demanda da Argentina, a partir de junho de 2003, traduziu, em parte, a redução das restrições que a reprimiram (os impasses cambiais, por exemplo), o que leva a crer que essa taxa deverá apresentar desaceleração no médio prazo. Outros fatores, como a imposição de barreiras, também poderão reduzir o fluxo de comércio.

Cenário geral

O ano de 2000 caracterizou-se pelo bom desempenho das economias gaúcha e brasileira, que apresentaram idêntica taxa de expansão, 4,4%. Em 2001, o cenário favorável foi alterado em função dos abalos relacionados à crise na oferta de energia elétrica, à depreciação cambial, à evolução desfavorável dos preços do petróleo e aos problemas enfrentados pela economia argentina. O impacto desses eventos não foi captado com a mesma intensidade pela atividade econômica do estado e do país.

O sul do país foi menos afetado pela redução da oferta de energia elétrica, mas, em princípio, apresentou-se mais vulnerável à queda do intercâmbio comercial decorrente da crise da Argentina. Esse país detivera, em 2000 e 2001, a segunda posição no *ranking* dos compradores dos produtos exportados pelo Rio Grande do Sul e o primeiro lugar enquanto fornecedor. Relativamente às vendas externas de produtos manufaturados, a Argentina absorveu 17% e 15,2%, no mesmo período.

De segundo comprador das exportações gaúchas, a Argentina passou para o quinto lugar em 2002, ano em que a crise foi mais intensa, recuperando-se em 2003, quando ocupou a terceira posição. No período, a participação desse país nas vendas de manufaturados, que compõem mais de 90% da pauta, passou de apenas 5,7%, em 2002, para 13,9%, em 2003, tendo alcançado 16,2% no primeiro semestre de 2004.

Observe-se que a importância da Argentina nos fluxos de comércio gaúcho é significativamente inferior à do primeiro comprador, os Estados Unidos, fato que contribuiu para relativizar o impacto da crise do país vizinho sobre a economia do Estado. No comércio de manufaturados, observou-se que, paralelamente ao recuo da posição argentina, a representatividade do mercado norte-americano passou de 38%, em 2000, para 44,6% em 2002, caindo para 31,6% no primeiro semestre de 2004.

Em 2001, o PIB estadual cresceu 3% e o nacional, 1,3%. Efetivamente, o subsetor de atividade que apresentou desaceleração mais intensa no Estado foi o da indústria de transformação, de onde se origina a maior parte das exportações para a Argentina. A taxa de crescimento passou de 8,9%, em 2000, para 2%, em 2001, recuperando-se em 2002, quando assinalou 4,2%. Esse fato torna relevante avaliar até que ponto o agravamento da crise argentina causou perda de dinamismo da atividade no Estado e qual é o efeito da recuperação que vem ocorrendo na economia naquele país.

Evolução do câmbio

A evolução do câmbio foi importante para explicar o comportamento dos fluxos de comércio entre o Rio Grande do Sul e a Argentina, mesmo considerando a importância que outros fatores

tiveram no período analisado. A Argentina manteve regime de conversibilidade entre abril de 1991 e janeiro de 2002, quando o peso foi desvalorizado em 40% e, em 11 de fevereiro de 2002, adotou o câmbio livre. No Brasil, ainda em 2001, o contágio da crise argentina e os ataques terroristas de 11 de setembro provocaram depreciação cambial, parcialmente revertida a partir de outubro. Em 2002, a desvalorização do real foi causada, por um lado, pelas incertezas geradas durante o processo eleitoral e, de outro, pela redução da liquidez internacional.

Tabela 1 - Desvalorização ante o dólar norte-americano ^{1/}

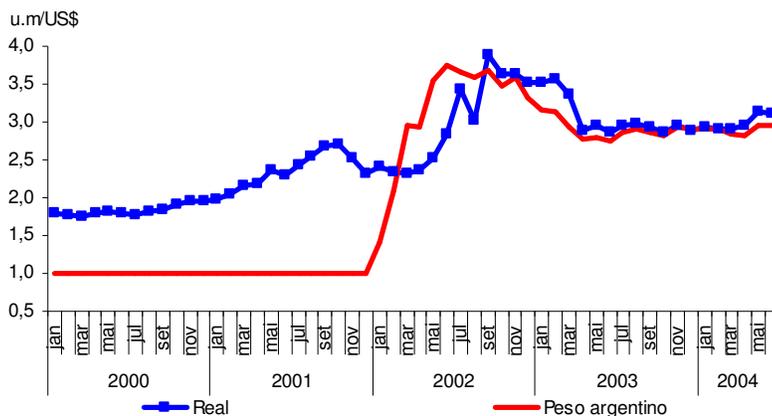
Anos	%	
	Real	Peso argentino
1998	8,27	-
1999	48,01	-
2000	9,3	-
2001	18,67	-
2002	52,27	232,00
2003	-18,23	-12,35
2004 ^{2/}	7,56	1,74

Fonte: Banco Central

1/ Taxa de venda, final do período.

2/ refere-se ao primeiro semestre.

Gráfico 1 - Taxas de câmbio



Fonte: Banco Central do Brasil e Banco Central da República da Argentina

Observe-se que, entre 1999 e 2001, o comportamento do câmbio foi favorável às exportações gaúchas ao mesmo tempo em que dificultou as da Argentina. Em 2002, entretanto, a desvalorização de 52,3% do real foi inferior à registrada pelo peso argentino, que atingiu 232%, o

que causou mudança das condições do intercâmbio comercial entre os dois países. Em 2003, a evolução do real e do peso foi similar, com valorizações respectivas de 18,2% e de 12,4%. No primeiro semestre de 2004, as moedas desvalorizaram 7,6% e de 1,7%, respectivamente, comportamento mais favorável às exportações gaúchas.

Comportamento do setor externo da economia gaúcha

Balança comercial e PIB

O Rio Grande do Sul é o segundo maior estado exportador brasileiro, desde 2001. Entre 1996 e 2003, contribuiu em média com 11% das vendas externas, enquanto o principal estado exportador – São Paulo – respondeu por 31,5%. Observe-se que, nos meses em que se concentram as exportações de soja, o Rio Grande do Sul perde a segunda posição para estados com maior representatividade nas vendas externas de produtos primários, recuperando-a até o final do ano.

A evolução comparativa do PIB e da balança comercial mostrou que as exportações elevaram sua participação no produto nos últimos anos, tendo havido mudança de patamar em 2001, quando a relação passou de 12,4% para 16%. Essa elevação ocorreu concomitantemente à redução do valor das vendas para a Argentina, cuja crise atingiu seu ápice no ano seguinte, comportamento que confirma os efeitos compensadores, tanto da elevação acentuada das vendas de soja para a China no período, como da diversificação de mercados. A desvalorização do câmbio também favoreceu a expansão das vendas externas, contribuindo para que, em 2003, a relação exportações/PIB atingisse 18,6%.

A participação das importações sobre o PIB também aumentou em 2001, mas com intensidade menor do que o movimento registrado pelas exportações. Nesse ano, a relação atingiu 10,1%, ante 8,7% no ano anterior. Nos anos seguintes, a representatividade das importações voltou a se aproximar de 10%.

Tabela 2 - Taxa de variação do PIB/RS e representatividade das exportações e importações

Ano	Var. % PIB	Participação % sobre o PIB	
		Exportações	Importações
1998	-0,5	9,3	7,1
1999	3,0	12,1	7,9
2000	4,4	12,4	8,7
2001	3,0	16,0	10,1
2002	1,4	17,5	9,7
2003	4,7	18,6	9,8

Fonte: FEE e MDIC

Cabe destacar que a economia do Rio Grande do Sul é tradicionalmente “exportadora líquida” tendo apresentado crescimento expressivo dos saldos comerciais nos últimos anos. Apenas em 1998 o crescimento das importações superou o das exportações, refletindo redução das exportações de calçados, fumo e soja, e elevação das compras de petróleo, veículos, automóveis e tratores. Mesmo assim, o saldo comercial permaneceu positivo.

Tabela 3 - Balança comercial do RS

Ano	Exportações		Importações		Saldo	
	US\$ milhões	Var. %	US\$ milhões	Var. %	US\$ milhões	Var. %
1996	5.663,60	-	3.361,20	-	2.302,40	-
1997	6.271,10	10,7	3.725,00	10,8	2.546,10	10,6
1998	5.628,50	-10,2	4.331,70	16,3	1.296,80	-49,1
1999	4.998,70	-11,2	3.283,00	-24,2	1.715,70	32,3
2000	5.779,90	15,6	4.021,80	22,5	1.758,20	2,5
2001	6.345,40	9,8	4.049,40	0,7	2.295,90	30,6
2002	6.375,40	0,5	3.530,80	-12,8	2.844,70	23,9
2003	8.013,30	25,7	4.189,60	18,7	3.823,70	34,4
2004 ^{1/}	4.542,90	25,4	2.370,00	21,6	2.172,80	30,0

Fonte: MDIC

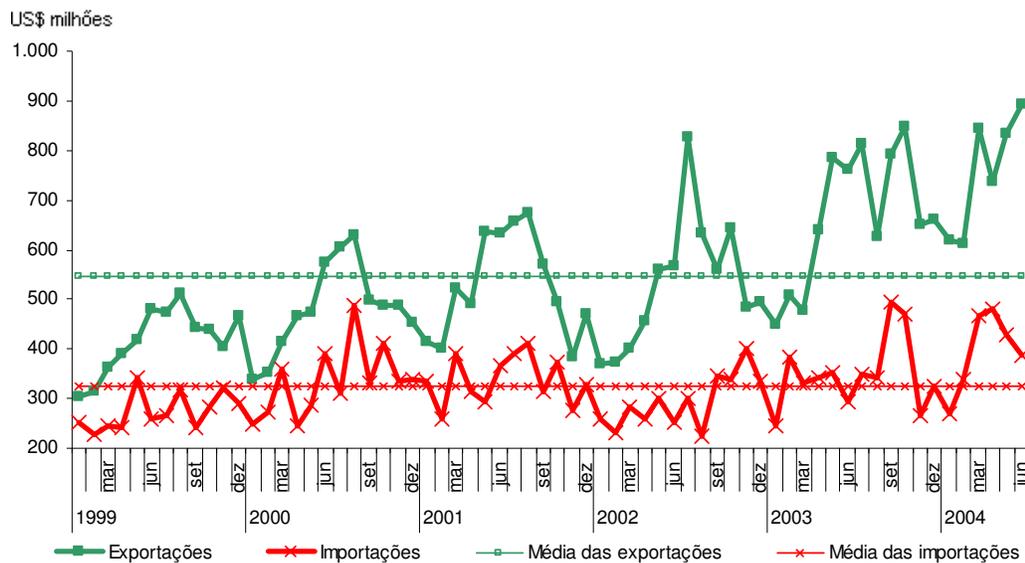
1/ refere-se ao primeiro semestre.

No Gráfico 2, a comparação dos fluxos mensais das importações e exportações com as médias no período evidencia que as exportações passaram para patamar superior a partir de meados de 2003, movimento não acompanhado pelas importações.

O comportamento anual do valor das exportações sugere que os impactos negativos decorrentes das crises da Ásia e da Rússia, que causaram mudança do regime cambial e

desvalorização do câmbio, foram mais fortes do que o da crise argentina, haja vista que foi nesses dois anos que as exportações declinaram.

Gráfico 2 - Comércio do RS com o exterior



Fonte: MDIC

Em 1998, houve queda de 10,2% do valor exportado, enquanto as quantidades apresentaram crescimento de 7,8%. A análise por fator agregado mostrou queda mais intensa nos produtos básicos, com redução de 18,7%. No ano seguinte, quando as exportações apresentaram queda de 8,8% no *quantum* e de 11,2% no valor, também esse segmento registrou redução mais acentuada. Em 2000, houve significativa elevação das exportações, principalmente pelo acréscimo de 25% no valor das vendas externas de produtos manufaturados. Entre 2001 e 2002, a manutenção desse patamar mostra que o efeito da redução da demanda da Argentina foi compensado pelo redirecionamento das exportações para outros mercados, facilitado pela depreciação do real em relação ao dólar e também pelo maior crescimento da demanda e renda internacionais. A esses efeitos podem ser agregados o esforço governamental visando à abertura de novos mercados e a performance das exportações do complexo-soja, favorecida pela quebra da safra norte-americana e pela elevação das compras da China.

Exportações

A maior parte das exportações do Rio Grande do Sul é representada por produtos manufaturados. A análise recente, entretanto, evidencia que a participação dos produtos básicos elevou-se 10,8 p.p. entre 2000 e o primeiro semestre de 2004, pela ampliação do mercado da soja, principalmente para a China, e pelo aumento do preço dessa *commodity* no mercado internacional.

**Tabela 4 - Exportações gaúchas, por fator agregado.
Participação percentual no valor exportado.**

Ano	Básicos	Semimanufaturados	Manufaturados
1996	31,7	12,3	55,6
1997	34,5	11,3	53,8
1998	31,3	12,6	55,6
1999	29,7	13,0	56,7
2000	26,7	10,8	61,3
2001	34,7	10,5	53,9
2002	33,1	12,6	53,0
2003	36,5	11,6	50,7
2004 ^{1/}	37,5	10,5	50,8

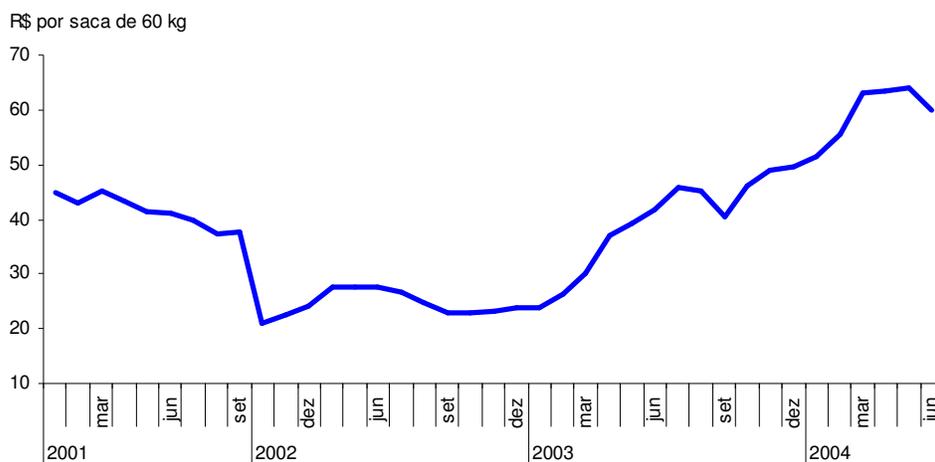
Fonte: MDIC

1/ refere-se ao primeiro semestre.

obs: a soma dos percentuais é inferior a 100% por não incluir as operações especiais.

As condições favoráveis para a comercialização da soja levaram o produto a liderar as vendas em 2003, ultrapassando as exportações de calçados, conforme consta na tabela anexa 1. No Gráfico 3, observa-se trajetória de elevação dos preços desde o início de 2003, o que impulsionou o aumento do *quantum* exportado do produto.

Em relação às vendas de calçados, a queda é explicada pela retração da demanda argentina e pela maior concorrência de produtos asiáticos no mercado norte-americano, conforme apontado em estudo da Fundação de Economia e Estatística (FEE, 2004).

Gráfico 3 - Média mensal da cotação da soja na Bolsa de Chicago

Fonte: Reuters

Quanto aos parceiros comerciais, os Estados Unidos permaneceram como o maior comprador entre 1999 e o primeiro semestre de 2004, tendo absorvido em média 25% das exportações. A partir de 2003, reduziu-se a importância relativa das compras desse país, o que confirma a diversificação de mercados para os produtos gaúchos. A Argentina perdeu para a China a posição de 2º maior mercado em 2002 e 2003, conseqüência da retração da sua demanda e da elevação das vendas de soja e fumo para a China. Em 2004, informações disponíveis para o primeiro semestre evidenciaram que a Argentina voltou a ocupar a segunda posição.

A Tabela 6 mostra que os Estados Unidos e a Argentina têm demandado principalmente produtos manufaturados, e a China, produtos primários. Esse fato torna o mercado chinês mais volátil, sujeito ao problema de comercialização como os verificados no primeiro semestre de 2004. Observa-se que a importância dos manufaturados nas exportações para a Argentina superou 90% durante todo o período.

Tabela 5 – Destino das exportações gaúchas, segundo o ranking de 2003

País	(%)					
	1999	2000	2001	2002	2003	2004 ^{1/}
Estados Unidos	25,5	27,3	25,5	28,5	22,2	20,4
China	1,7	4,3	5,8	7,0	9,0	8,6
Argentina	11,4	11,4	9,0	3,3	7,6	8,7
Alemanha	4,7	3,4	3,3	3,4	4,3	3,4
Reino Unido	4,6	3,6	3,5	3,7	3,1	2,9
Itália	3,5	3,6	3,2	3,1	3,0	2,8

Fonte: MDIC

1/ refere-se ao primeiro semestre.

Tabela 6 - Representatividade e participação nas exportações de manufaturados do RS - países selecionados

Ano	(%)					
	Representatividade dos manufaturados no total exportado			Participação nas exportações de manufaturados		
	EUA	Argentina	China	EUA	Argentina	China
2000	85,5	91,2	10,3	38,0	17,0	0,7
2001	83,4	90,4	3,2	39,4	15,2	0,3
2002	82,9	91,2	5,9	44,6	5,7	0,8
2003	81,0	93,0	3,3	35,5	13,9	0,6
2004 ^{1/}	78,8	94,7	2,6	31,6	16,2	0,4

Fonte: MDIC

1/ refere-se ao primeiro semestre.

Importações

As importações gaúchas por fator agregado mostraram concentração das compras de manufaturados durante todo o período, apesar da tendência de queda, detectada a partir de 1999, que reflete, principalmente, a elevação das importações de petróleo, cuja representatividade no total importado passou de 10,7%, em 1998, para 34,6%, no primeiro semestre de 2004. Comparativamente ao mesmo período de 2003, o valor das importações do produto elevou-se 57,6% e a quantidade, 38,7%. Esse comportamento é explicado, em grande parte, pelos investimentos realizados no Pólo Petroquímico de Triunfo e na Refinaria Alberto Pasqualini, que aumentaram a competitividade e a capacidade de produção da indústria química gaúcha, conforme apontado pela FEE (2004). Efetivamente, a produção física das atividades de refino de petróleo e borracha e plásticos elevou-se 6,5% e 15,1%, respectivamente, no primeiro semestre de 2004, segundo a Pesquisa Industrial Mensal do IBGE.

**Tabela 7 - Importações por fator agregado.
Participação percentual no valor importado**

Ano	(%)		
	Básicos	Semimanufaturados	Manufaturados
1996	31,4	7,0	61,6
1997	26,8	6,4	66,8
1998	22,2	5,4	72,4
1999	20,6	6,8	72,6
2000	24,5	7,0	68,5
2001	24,8	7,1	68,1
2002	31,9	6,2	61,9
2003	34,1	6,2	59,7
2004 ^{1/}	39,6	5,5	54,9

Fonte: MDIC

1/ dados do primeiro semestre.

Mesmo durante o ápice de sua crise, a Argentina permaneceu como o mais importante fornecedor do Estado, principalmente de naftas para petroquímica, de óleo bruto de petróleo e de cereais. A Nigéria ocupa a segunda posição, fornecendo basicamente petróleo. Observe-se que as importações de produtos básicos estão concentradas em poucos países, mas há grande diversidade de fornecedores de produtos industrializados.

Tabela 8 - Origem das importações gaúchas, segundo o ranking de 2003

País	Participação %					
	1999	2000	2001	2002	2003	2004 ^{1/}
Argentina	28,7	31,7	25,5	23,6	24,7	24,2
Nigéria	3,5	4,9	11,9	11,8	11,2	21,4
Estados Unidos	17,8	11,7	13	13	11,1	8,7
Argélia	5,9	9,2	4	7,5	9,1	9,4
Alemanha	5,4	5,1	6,5	7,4	6,6	4,5
Uruguai	6,2	4,7	4,5	4,6	4,8	2,8

Fonte: MDIC

1/ refere-se ao primeiro semestre

Influência das relações comerciais com a Argentina sobre o PIB do Estado

Conforme a Tabela 2, a representatividade das exportações totais no PIB gaúcho passou de 9,3%, em 1998, para 12,1%, em 1999, comportamento facilitado pela desvalorização cambial de 48% naquele ano. A partir de 2002, um novo patamar foi alcançado, superior a 16% do PIB, que se manteve no período mais crítico da economia argentina. A representatividade da demanda

desse país em relação ao PIB gaúcho caiu para apenas 0,6% em 2002, percentual bem inferior à média de 1,4%, registrada a partir de 1999. As compras gaúchas de produtos argentinos mantiveram-se mais estáveis e corresponderam, em média, a 2,5% do PIB.

A Tabela 9 mostra que o fluxo de comércio com a Argentina não acompanhou, entre 2001 e 2003, a tendência da maior abertura experimentada pela economia riograndense, o que ratifica a diversificação de mercados ocorrida nos últimos anos.

Tabela 9 - Comércio exterior - participação no PIB do RS

	(%)					
	1998	1999	2000	2001	2002	2003
Exportações						
Total	9,3	12,1	12,4	16,0	17,5	18,6
Argentina	1,2	1,4	1,4	1,4	0,6	1,4
Importações						
Total	12,1	7,9	8,7	10,1	9,7	9,8
Argentina	2,4	2,3	2,7	2,6	2,3	2,4
Corrente de comércio						
Total	21,4	20,0	21,1	26,1	27,2	28,4
Argentina	3,6	3,6	4,2	4,0	2,9	3,8

Fonte: FEE e MDIC

O déficit da balança comercial com a Argentina acentuou-se em 2002, conforme consta da Tabela 10. O declínio da atividade econômica do país vizinho causou queda das exportações do Estado, que, entretanto, não reduziu na mesma medida suas importações. Ressalte-se que, nesse ano, houve significativa desvalorização do peso ante o real. Esse movimento, em princípio, deveria ter elevado ou, ao menos, mantido inalterada a quantidade importada pelo Estado. A queda pode ter sido conseqüência das dificuldades de comercialização causadas pela política cambial adotada em função da crise. A redução do valor não foi maior, porque os principais itens da pauta de importação são *commodities*, cujos preços são fixados internacionalmente.

A Tabela 10 também mostra que a redução acentuada da participação das exportações para a Argentina sobre o total das vendas externas do Rio Grande do Sul, em 2002, foi revertida em grande parte em 2003, tendência mantida durante o primeiro semestre de 2004. As

importações apresentaram pouca oscilação ao longo do período, tendo se mantido a posição da Argentina como principal fornecedor externo do Estado.

Tabela 10 - Balança comercial do RS com a Argentina

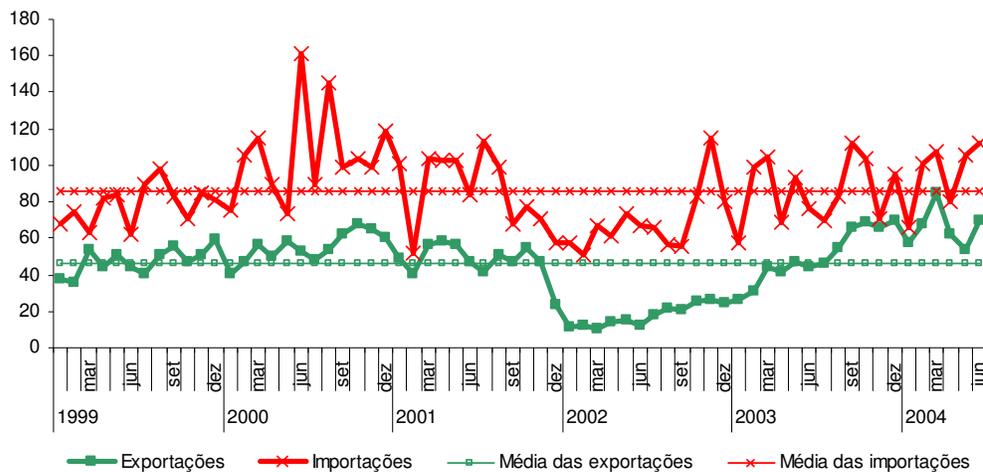
Ano	Exportações					Importações					Saldo US\$ 1000
	Quantidade		Valor			Quantidade		Valor			
	Toneladas	Var. %	US\$ 1000	Var. %	% s/total exportado	Toneladas	Var. %	US\$ 1000	Var. %	% s/total % importado	
1996	344.939	-	523.077	-	9,2	3.809.587	-	899.453	-	26,8	-376.376
1997	399.558	15,8	678.334	29,7	10,8	3.141.446	-17,5	953.516	6,0	25,6	-275.183
1998	460.959	15,4	708.361	4,4	12,6	4.192.798	33,5	1.425.509	49,5	32,9	-717.148
1999	478.838	3,9	570.910	-19,4	11,4	3.460.381	-17,5	940.174	-34,0	28,6	-369.264
2000	522.360	9,1	661.090	15,8	11,4	4.339.346	25,4	1.274.668	35,6	31,7	-613.578
2001	470.083	-10,0	573.509	-13,2	9,0	3.442.303	-20,7	1.088.824	-14,6	26,9	-515.315
2002	266.633	-43,3	210.573	-63,3	3,3	3.114.402	-9,5	834.165	-23,4	23,6	-623.592
2003	537.260	101,5	606.977	188,3	7,6	3.295.252	5,8	1.032.934	23,8	24,7	-425.958
2004 ^{1/}	280.250	25,1	394.350	67,6	8,7	1.600.455	-3,5	572.610	14,7	24,2	-178.260

Fonte: MDIC

1/ refere-se ao primeiro semestre.

Gráfico 4 - Comércio do RS com Argentina

US\$ (milhões)



Fonte: MDIC

A análise do Gráfico 4 revela a recuperação das exportações para a Argentina. No ápice da crise, estas tinham se situado abaixo da média do período analisado, que já foi superada em

meados de 2003. Em relação às importações observa-se oscilação em torno da média, fato que explica a redução do déficit comercial do Estado com esse país.

Tabela 11 - Exportações para a Argentina por fator agregado

Ano	Básicos		Semimanufaturados		Manufaturados		Total US\$	
	US\$ 1000	Partic. %	US\$ 1001	Partic. %	US\$ 1002	Partic. %	US\$ 1003	Partic. %
2000	46.505	7,0	11.541	1,7	603.021	91,2	661.090	100,0
2001	45.603	8,0	9.704	1,7	518.191	90,4	573.509	100,0
2002	11.684	5,5	6.761	3,2	192.126	91,2	210.573	100,0
2003	24.617	4,1	17.718	2,9	564.641	93,0	606.977	100,0
2004 ^{1/}	11.400	2,9	9.474	2,4	373.473	94,7	394.350	100,0

Fonte: MDIC (elaborado pelos autores)

1/ refere-se ao primeiro semestre

Tabela 12 - Participação da Argentina nas exportações (valor), por fator agregado

Ano	Participação (%)		
	Básicos	Semimanufaturados	Manufaturados
2000	3,0	1,8	17,0
2001	2,1	1,5	15,2
2002	0,6	0,8	5,7
2003	0,8	1,9	13,9
2004 ^{1/}	0,7	2,0	16,2

Fonte: MDIC (elaborado pelos autores)

1/ refere-se ao primeiro semestre

A predominância de produtos manufaturados nas exportações gaúchas para a Argentina permaneceu elevada, respondendo por 91,2% do total, mesmo durante o ápice da crise. A Tabela 11 mostra que, seguindo tendência apresentada pelo total exportado, a participação desse país no total das vendas externas de manufaturas caiu de 17%, em 2000, para 5,7%, em 2002, voltando a crescer em 2003, com a recuperação da economia argentina. Já no primeiro semestre de 2004, o país absorveu 16,2% das vendas externas gaúchas desses produtos.

Análise setorial

Os produtos analisados a seguir são os mais relevantes da pauta de exportações para a Argentina nos últimos anos, conforme estatísticas do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC). Os resultados são discriminados por capítulo da Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM), nas tabelas 13 e 14. Comparou-se a evolução da produção com as exportações

totais e para a Argentina. Em relação à produção industrial, selecionaram-se as atividades tendo em vista sua compatibilização com a pauta de exportações de manufaturados.

Observe-se que existem diferenças metodológicas entre a agregação dos grupos de produtos utilizada pelo MDIC e a considerada na pesquisa de produção industrial do IBGE, cujos dados foram apurados de acordo com a metodologia adotada a partir de 2004.

A composição das compras e vendas (Tabelas 13 e 14) mostrou que dentre as exportações de produtos industrializados destacaram-se as máquinas e equipamentos agrícolas, enquanto que as importações concentraram-se em combustíveis e óleos minerais, que incluem petróleo e nafta para petroquímica. Ou seja, a Argentina é fornecedora de matérias-primas para a indústria gaúcha, de quem compra bens com maior valor agregado.

Tabela 13 - Participação de capítulos selecionados da NCM no total exportado para a Argentina

Capítulo 1/ NCM	Principais produtos	1999	2000	2001	2002	2003	2004 ^{2/}
84	Máquinas e mecânicos	14,9	10,7	12,4	10,9	24,6	30,3
39	Plásticos e obras	16,3	19	15,7	26,8	19	17,5
87	Veículos, tratores e acessórios	10,1	9,9	6,1	4,4	13	14,2
29	Produtos químicos orgânicos	5,5	6,7	5,7	13,1	7,6	5,9
64	Calçados e afins	12,8	14,6	16,4	3,9	6,4	5,1
2	Carnes	6,6	5,8	6,7	3,2	2,5	2
94	Móveis	4,8	6,6	6,7	0,5	1,3	1,5
-	Outros	29	26,8	30,3	37,3	25,6	23,5

Fonte: MDIC

1/ os dados consideram todos produtos do capítulo.

2/ refere-se ao primeiro semestre.

As compras de matérias-primas para a indústria petroquímica do Estado responderam, durante todo o período, pela maior parte das transações, atendendo ampliação da indústria, conforme comentado no item anterior. Observe-se que é considerável a diferença entre esse grupo e o segundo colocado (cereais), composto principalmente pelas aquisições de trigo.

Tabela 14 - Participação de capítulos selecionados da NCM no total importado da Argentina

Capítulo NCM	Principais produtos	1999	2000	2001	2002	2003	2004 ^{2/}
27	Combustíveis e lubrificantes	35,2	54	41,1	45,4	46,6	50,9
10	Cereais	12,7	9,3	10,4	9,4	11,5	6,6
87	Veículos, tratores e acessórios	17,5	5,5	8,5	6,8	4,7	3,7
-	Outros	34,6	31,2	40	38,4	37,2	38,9

Fonte: MDIC

1/ os dados consideram todos produtos do capítulo.

2/ refere-se ao primeiro semestre.

Os dados da Tabela 15 mostram que, em 2001, a produção industrial gaúcha declinou 1%. Já em 2002, ano em que a crise atingiu seu ponto máximo, houve crescimento de 1,4%, que, em parte, é explicado pela base de comparação favorável. Em 2003, ano de recuperação da economia vizinha, a indústria gaúcha registrou queda de 0,3%. Esses desempenhos levaram a taxa média do período de 2001 a 2003 a se situar em 0,2%, patamar bem inferior à média entre 1999 e 2003, de 2,2%.

É oportuno destacar que a nova metodologia do IBGE para o cálculo da produção industrial alterou a ponderação das atividades, elevando a importância de bens que dependem do poder de compra dos salários (alimentos, bebidas, vestuário). A metodologia antiga privilegiava bens que fazem parte da pauta de exportações para a Argentina (mecânica, material de transporte, máquinas agrícolas, etc.). Por essa metodologia, a indústria de transformação cresceu 3,5% em 2003.

Tabela 15 - Produção da indústria de transformação no RS

Ano	Var. % no ano					
	Total	Calçados	Borracha e plásticos	Máquinas e equipamentos	Veículos automotores	Mobiliário
1999	2,2	-1,2	14,9	-10,6	15,9	-2,4
2000	8,7	-1,8	16,3	26,6	30,7	3,6
2001	-1,0	-8,5	-1,1	16,4	4,8	5,4
2002	1,4	1,8	-5,5	20,9	21,0	-25,7
2003	-0,3	-4,4	-3,9	11,2	5,8	-9,6
2004 ^{1/}	6,0	-6,7	15,1	20,1	17,7	15,8

Fonte: IBGE

1/ dados até junho, comparativamente a igual período de 2003.

O comportamento dos principais grupos de produtos da pauta de exportações gaúchas (Tabela 16) mostrou que, em 2002, o impacto da queda acentuada da atividade da economia argentina não afetou igualmente todos os setores. Esse fato também se evidencia na análise gráfica por produto, a partir de séries isentas de influências sazonais da produção, exportações totais e para a Argentina. A partir de 2003, houve forte recuperação das exportações em todos os setores.

Tabela 16 – Variação na quantidade exportada de produtos selecionados entre 2001 e 2002

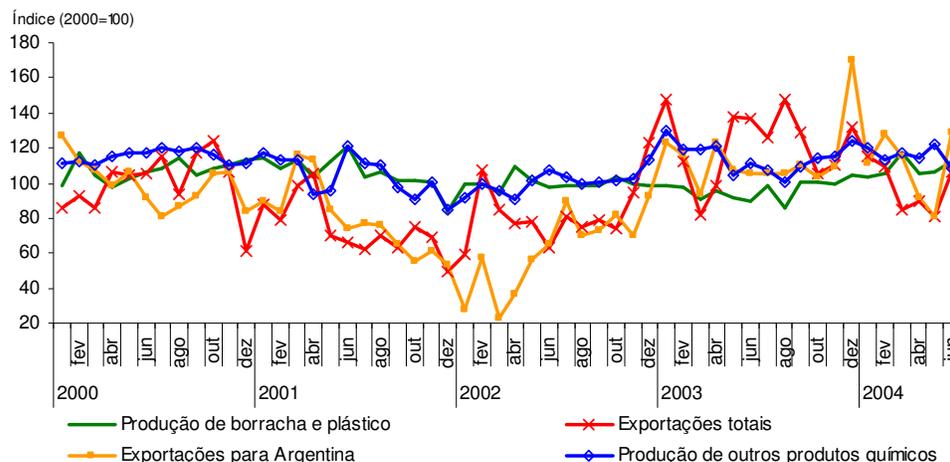
Capítulo da NCM	Produtos	Total	Argentina	em toneladas	
				Mercados alternativos	
				Quantidade	Destino
02	Carnes	131.366	-21.203	100.632	Rússia
29	Químicos orgânicos	76.767	-13.007	80.006	EUA
39	Plásticos	41.825	-23.685	51.108	UE e OPEP
87	Automóveis e tratores	13.053	-6.914	9.812	OPEP e África
84	Máquinas e mecânicos	617	-11.162	14.812	EUA
64	Calçados	-8.047	-6.550	-	
94	Mobiliário	-16.280	-38.447	17.370	EUA e UE

Fonte: MDIC (elaborado pelos autores)

A indústria de borracha e plásticos apresentou desempenho negativo entre 2001 e 2003. Esse segmento inclui polietilenos, cujas exportações para a Argentina caíram 41,8% em 2002 (Tabela 17), mas em 2003 já superaram o patamar de 2001. Essa atividade, que abarca as indústrias de produtos químicos e plásticos, não apresentou redução das vendas externas, pois foi favorecida pelas maiores compras dos Estados Unidos, bem como dos países da União Européia (UE) e da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP). Entretanto, a economia argentina permaneceu como o maior mercado para as exportações de plásticos e suas obras, e sua recuperação elevou em 104,5% as vendas de plásticos em 2003 e em 66,8% as exportações de químicos orgânicos, percentuais que também refletem base de comparação favorável.

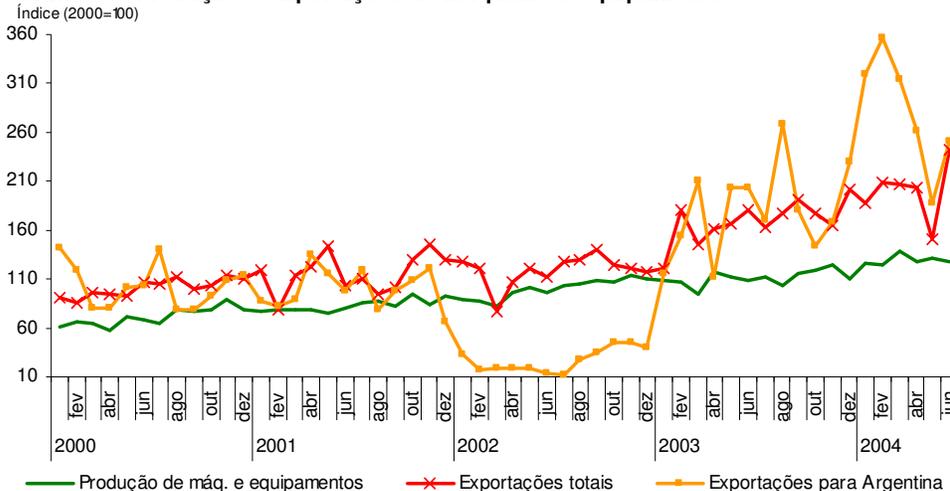
Em relação à produção de máquinas e equipamentos, a Argentina reassumiu a posição de maior demandante de máquinas agrícolas em 2003, ano em que as vendas para os Estados Unidos registraram estabilidade. Nesse ano, as exportações de colheitadeiras foram as que mais se expandiram.

Gráfico 5 - Produção de borracha e plástico e de outros produtos químicos e exportações de plásticos e suas obras



Fonte: MDIC e IBGE (dados dessazonalizados pelos autores)

Parte deste comportamento decorreu da ampliação da fábrica de máquinas agrícolas do Grupo AGCO¹, mediante transferência para o Rio Grande do Sul de parte da produção que até recentemente ocorria na Inglaterra. Além disso, a empresa reduziu suas operações na Argentina expandindo-as no Estado, com o objetivo de torná-lo o fornecedor para o mercado argentino. Para essa decisão contribuíram fatores como as dificuldades operacionais do sistema financeiro argentino (custos de cobrança, etc.). O desempenho das exportações da AGCO evidenciou queda de 38,3% em 2002 e crescimento de 789,6% em 2003, percentual que reflete em grande parte a retomada dos negócios com a Argentina. Essa empresa respondeu por 36,4% das exportações dos capítulos 84 e 87 – máquinas e mecânica – para a Argentina.

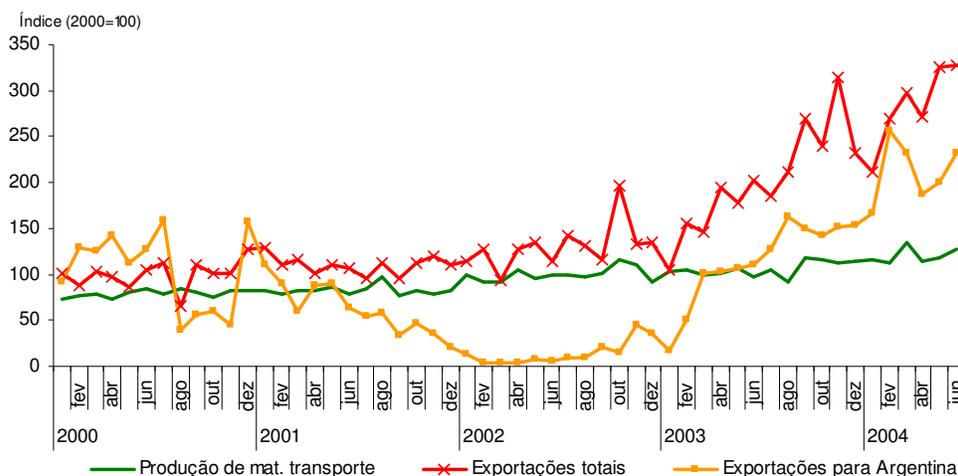
Gráfico 6 - Produção e exportações de máquinas e equipamentos

Fonte: MDIC e IBGE (dados dessazonalizados pelos autores)

A produção de máquinas e equipamentos e de veículos automotores² não refletiu a crise da Argentina, haja vista a manutenção de elevadas taxas de crescimento durante todo o período, com ápice em 2002, pior ano da crise. As vendas externas não apresentaram redução em consequência da elevação da demanda dos Estados Unidos, países da África e membros da OPEP.

Além disso, a partir de março de 2002, o mercado interno foi estimulado pela liberação de recursos do BNDES, por meio do programa Moderfrota, que visa renovar a frota brasileira de máquinas e equipamentos agrícolas. O impacto da liberação desses recursos foi importante para o Estado, haja vista que a indústria local responde por mais da metade da produção nacional desses bens. Outro fator que contribuiu para relativizar a queda da demanda da Argentina no período foi a ampliação de fábricas estrangeiras de equipamentos agrícolas no Estado e no país. Os menores custos de produção internos transformaram o país em pólo de tecnologia e plataforma mundial de exportações de máquinas e equipamentos para a agricultura.

Gráfico 7 - Produção e exportações de materiais de transporte



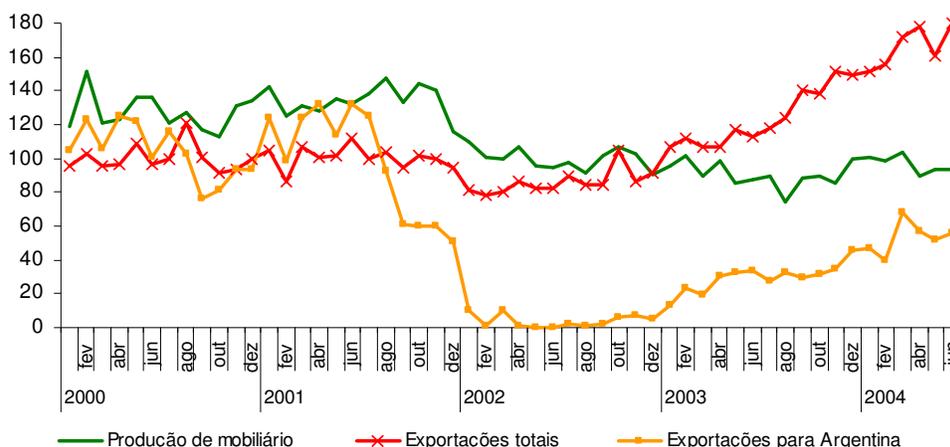
Fonte: MDIC e IBGE (dados dessazonalizados pelos autores)

A produção de mobiliário, por outro lado, caiu em 2002 e 2003, comportamento influenciado pela crise da Argentina, parcialmente compensado pela expansão do mercado consumidor dos EUA e da União Européia, bem como pelo crescimento da demanda doméstica. Dados da pesquisa de comércio da FEE indicaram aumento das vendas do comércio varejista no Rio Grande do Sul nos últimos anos: 5,9% em 2001, 1,7% em 2002 e 0,1% em 2003. Em 2004, houve crescimento de 11,5%, até maio.

Para analisar a trajetória recente da indústria de calçados é preciso considerar fatores tais como a saída de empresas do Estado e o aumento da concorrência no mercado internacional. A retração das vendas externas não refletiu apenas o comportamento da demanda da Argentina, haja vista que a redução total das quantidades exportadas superou a queda das compras daquele país (Tabela 16). Em 2002, a produção da indústria apresentou crescimento após 4 anos de queda, refletindo, em parte, a expansão da demanda interna, que compensou o desempenho negativo do comércio exterior. Informações da Abicalçados mostram que o consumo interno cresceu 8,5% nesse ano. Em 2003, a produção voltou a cair, como reflexo da perda de competitividade pela valorização cambial. As vendas externas totais declinaram 0,8%. Entretanto, para a Argentina

Gráfico 8 - Produção e exportações de móveis

Índice (2000=100)



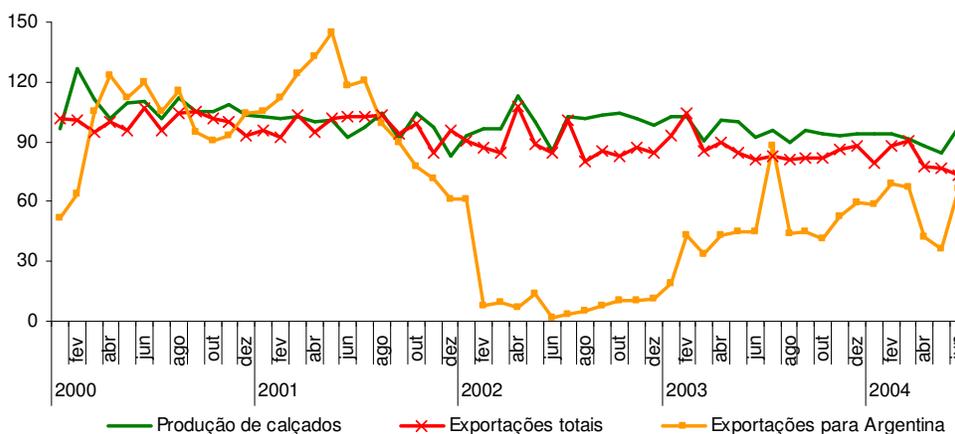
Fonte: MDIC e IBGE (dados dessazonalizados pelos autores)

observou-se expansão acentuada, conseqüência principalmente da base de comparação favorável, haja vista que no ano anterior as exportações para aquele país haviam caído 91,4%.

Na Tabela 17 constam, para alguns produtos (polietileno, calçados e máquinas agrícolas), as variações do valor exportado de 2001 a 2003 e comparação do primeiro ano de recuperação, 2003, com 2001, ano que antecedeu a crise mais acentuada. Os dados permitem identificar que a retomada do ritmo da atividade econômica da Argentina teve efeito favorável sobre as vendas de polietileno e máquinas agrícolas, mas não de calçados.

Gráfico 9 - Produção e exportações de calçados

Índice (2000=100)



Fonte: MDIC e IBGE (dados dessazonalizados pelos autores)

a) as vendas de polietileno apresentaram redução de 41,8% em 2002. Parte do produto foi direcionada para outros mercados, pois as exportações totais registram decréscimo bem inferior, de 7,6%. Em 2003, as vendas para a Argentina superaram em 12% o movimento registrado em 2001. Entretanto, a expansão das vendas totais superou esse percentual, reduzindo a importância da demanda argentina;

Formatados: Marcadores e numeração

b) as exportações de calçados para a Argentina foram reduzidas em 91,4% em 2002, comparativamente a 2001, causando queda de 11% no total exportado do produto. Em 2003, as compras argentinas voltaram a crescer, porém os resultados foram bem inferiores aos registrados em 2001. A taxa do biênio 2003/2001 foi negativa tanto para a Argentina como para o total das exportações, evidenciando problemas generalizados na comercialização do produto;

Formatados: Marcadores e numeração

c) no setor de máquinas agrícolas, houve redução nas vendas para a Argentina em 2002, mas o total exportado cresceu 34,1%, reflexo em grande parte da ampliação no Estado do pólo de tecnologia do setor.

Formatados: Marcadores e numeração

Tabela 17 - Comportamento de itens selecionados da pauta de exportação do Rio Grande do Sul

Itens		Argentina			Total exportado pelo RS		
		Valor (US\$1.000)	Variação (%)		Valor (US\$1.000)	Variação (%)	
			Ano anterior	2003/2001		Ano anterior	2003/2001
Polietileno (NCM ^{1/} 39011092, 39012029 e 39011010)	2001	80.112	-	-	190.841	-	-
	2002	46.588	-41,8	-	176.379	-7,6	-
	2003	89.859	92,9	12,2	275.414	56,1	44,3
Calçados	2001	93.933	-	-	1.344.816	-	-
	2002	8.110	-91,4	-	1.195.120	-11,1	-
	2003	39.191	382,0	-58,4	1.185.759	-0,8	-11,8
Máquinas agrícolas (NCM 84335990, 84335100 e 87019000)	2001	29.718	-	-	96.679	-	-
	2002	14.421	-51,5	-	129.678	34,1	-
	2003	134.300	831,2	351,9	316.792	144,3	227,7

Fonte: MDIC

O primeiro semestre de 2004

Apesar da recente diversificação e ampliação dos mercados para as exportações dos produtos gaúchos, a Argentina voltou a ocupar a segunda posição como economia compradora no

primeiro semestre de 2004. Houve aumento generalizado na pauta de exportações direcionadas para aquele país, principalmente de máquinas agrícolas, veículos e seus componentes, que elevaram em 187% e 114% as vendas dos capítulos NCM 87 e 84. Outro aspecto a ser considerado é a queda de 4,5% na quantidade exportada de soja para a China no período.

Considerando o movimento do primeiro semestre, a participação da Argentina nas exportações gaúchas atingiu 8,9%, mostrando recuperação em relação a 2002 (3,3%), mas situando-se abaixo da representatividade que alcançara em 2000 (11,4%).

Tabela 18 - Exportações gaúchas no primeiro semestre de 2004

Destino	Total				Manufaturados			
	Valor		Quantum		Valor		Quantum	
	(US\$1.000)	Var. % ano	(t)	Var. % ano	(US\$1.000)	Var. % ano	(t)	Var. % ano
Argentina	394.350	67,6	280.250	25,1	373.473	69,7	245.269	31,2
Total	4.542.856	25,5	6.453.876	29,6	2.307.634	23,0	1.185.932	14,1

Fonte: MDIC

Para o ano de 2004, estima-se que as exportações para a Argentina cresçam cerca de 40% em relação a 2003. Esse percentual considerou o crescimento de 60%, registrado até setembro, estimando-se, para o último trimestre de 2004, valor exportado igual à média dos trimestres anteriores. Se o PIB do Rio Grande do Sul apresentar expansão de 3% no ano (estimativa inicial da Secretaria da Fazenda Estadual, antes da quebra da safra agrícola, apontava 4%) e o deflator atingir 9%, as compras argentinas poderão representar 1,7% do PIB, percentual que supera a média do período 1998-2003, exclusive o ano de 2002.

A economia da Argentina cresceu 8,9% no primeiro semestre do ano, ante igual período de 2003. Previsão do Instituto Nacional de Estadística y Censos de la República Argentina (INDEC) aponta expansão de 8% em 2004, após 8,7% no ano anterior. Entre 1998 e 2002, houve contração de 20%. A manutenção da trajetória de crescimento do produto é favorável para ampliar o intercâmbio com esse país e, conseqüentemente, para elevar a relação exportação/produto.

Conclusão

A posição da Argentina como segundo parceiro do Rio Grande do Sul nas suas relações comerciais e demandante de 16% das exportações de manufaturados poderia levar a crer que o impacto da sua crise e recuperação sobre a economia gaúcha fosse mais intenso do que o registrado.

A análise realizada mostrou que as conseqüências da redução da demanda argentina sobre a economia estadual foram amenizadas e até compensadas em algumas atividades pela agilidade do setor exportador na busca de mercados alternativos para escoamento de sua produção. A desvalorização do real também contribuiu nesse sentido. Além disso, para alguns produtos houve acréscimo da demanda interna. Ressalte-se também que a desaceleração do PIB gaúcho em 2002 decorreu principalmente da quebra da safra agrícola, e não da crise da Argentina, que demanda produtos industrializados, cuja produção se expandiu nesse ano.

Portanto, o “efeito Argentina” foi inferior ao impacto do cenário geral favorável, interna e externamente, em 2001 e primeira metade de 2002. A Tabela 16 permitiu verificar que para a maior parte dos produtos houve ampliação das exportações em 2002.

Em 2003, a manutenção de novos mercados paralelamente à retomada das vendas para a Argentina incrementou as exportações. Em 2004, o movimento do primeiro semestre revelou que o crescimento do valor das exportações para a Argentina (67,6%) superou o do total exportado (25,5%), comparativamente ao mesmo período de 2003. Da mesma forma, o crescimento das vendas de manufaturados para esse país situou-se bem acima do total. As vendas de máquinas agrícolas despontaram como as maiores responsáveis por esse desempenho.

Cabe observar que, no primeiro semestre de 2004, o governo argentino impôs barreiras às exportações brasileiras de eletrodomésticos, medida que não afetou significativamente a economia gaúcha. O Rio grande do Sul exportou, no período, US\$ 452 mil em refrigeradores (NCM 84182100 e 84189900), fogões (NCM 85166000) e máquinas de lavar roupa (NCM

84501100, 84501900 e 84509090) para a Argentina, conforme dados do MDIC. Esse valor representou, no período, 0,1% das exportações gaúchas para esse país.

Entretanto, no segundo semestre, o crescimento bem mais acentuado das exportações brasileiras e gaúchas para Argentina do que das importações causou o recrudescimento de medidas protecionistas, cuja evolução poderá alterar os fluxos de comércio nos próximos períodos.

Resta observar, ainda, que empresas gaúchas com expressiva participação nas exportações para a Argentina informaram que a redução das vendas para a Argentina, em 2002, foi motivada mais pela inadimplência do país do que pela redução do nível de atividade. No período, a legislação argentina impediu ações judiciais de cobrança movidas por credores externos, além de exercer rigoroso controle de saída de divisas, o que dificultou a efetivação de pagamentos, mesmo por parte de empresas com disponibilidade de recursos para fazê-lo. A rápida recuperação das exportações verificada em 2003 deveu-se não apenas à retomada do crescimento na Argentina, mas à utilização de recursos “compulsoriamente” poupados em 2002. As empresas também informaram que grande parte das operações em 2003 foi realizada na modalidade de pagamento à vista. Para 2004, as projeções são de vendas superiores a 2003. Entretanto, existem ressalvas quanto à manutenção do ritmo de crescimento das vendas em 2005, pelas dificuldades que as empresas argentinas enfrentam para obter crédito para transações comerciais.

Referências

BANCO CENTRAL DA REPÚBLICA DA ARGENTINA. 2004. *Indicadores econômicos*. Disponível em: www.bcra.gov.ar. Acessado em: setembro de 2004.

BANCO CENTRAL DO BRASIL (BCB). 2004. *Séries Temporais*. Disponível em: www.bcb.gov.br. Acessado em: julho de 2004.

BELLO, Terezinha da S. 2004. As exportações do RS em 2003. *Indicadores Econômicos*, **31**(4): 95-124.

CALANDRO, Maria L. e CAMPOS, Sílvia H. 2004. Produção industrial brasileira em 2003: mais um ano de estagnação. *Indicadores Econômicos*, **31**(4): 125-158.

CIGANA, Caio. Crescem as vendas para a Argentina. *Gazeta Mercantil*, 29 de março de 2004.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (FIERGS). 2004. *Indicadores industriais do Rio Grande do Sul*. Disponível em: www.fiergs.com.br . Acessado em: julho de 2004

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). 2004. *Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF)*. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acessado em: julho de 2004.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y CENSOS DE LA REPUBLICA ARGENTINA (INDEC). 2004. *Cuentas nacionales*. Disponível em: www.indec.mecon.ar. Acessado em: julho de 2004.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR (MDIC). 2004. *Sistema Aliceweb*. Disponível em: www.mdic.gov.br. Acessado em: julho de 2004.

ANEXOS

Tabela 1 - Principais itens da pauta de exportação do Rio Grande do Sul, segundo ranking de 2003

Item	1999		2000		2001		2002		2003		2004 ¹	
	(US\$1.000)	%	(US\$1.000)	%								
Outros grãos de soja, mesmo triturados	104.035	2,1	264.817	4,6	483.411	7,6	347.483	5,5	839.328	10,5	331.915	7,3
Outros calçados de couro natural	953.868	19,1	1.110.340	19,2	1.132.753	17,9	10.19604	16	964.287	12,1	488.213	10,8
Fumo não manufaturado	678.571	13,6	636.521	11	736.595	11,6	803.991	14,8	878.704	13,4	433.063	9,5
Bagaços e resíduos da extração de óleo soja	260.258	5,2	200.487	3,5	304.593	4,8	327.467	5,1	353.082	4,4	229.039	5,0
Óleo de soja, em bruto	176.142	3,5	79.579	1,4	145.942	2,3	204.674	3,2	255.856	3,2	117.230	2,6
Carnes de galos/galinhas, pedaços e miudezas	196.578	3,9	184.324	3,2	331.720	5,3	340.431	5,4	472.892	5,9	290.967	6,4
Outros tratores	18.202	0,4	31.173	0,5	60.566	1,0	89.944	1,4	191.657	2,4	139.012	3,1
Outros	2.611.266	52,2	3.272.701	56,6	3.149.779	49,5	3.241.862	50,8	4.067.457	50,5	2.611.266	56,3
Total exportado	4.998.720	100,0	5.779.942	100,0	6.346.359	100,0	6.375.446	100,0	8.013.263	100,0	4.542.856	100,0

Fonte: MDIC

1. Dados do primeiro semestre

Tabela 2 - Principais itens da pauta de importação do Rio Grande do Sul, segundo ranking de 2003 - 1999/2003

Item	1999		2000		2001		2002		2003		2004 ¹	
	(US\$1.000)	%	(US\$1.000)	%								
Óleos brutos de petróleo	349.129	10,7	709.397	17,6	748.520	18,5	905.055	25,6	1.073.747	25,6	820.469	34,6
Naftas	338.098	10,4	691.607	17,2	382.713	9,5	215.327	6,1	318.611	7,6	239.189	10,1
Outros óxetos de potássio	68.507	2,1	89.778	2,2	86.011	2,1	80.409	2,3	102.907	2,5	41.220	1,7
Trigo	65.079	2,0	68.849	1,7	70.246	1,7	60.702	1,7	81.724	2,0	22.905	1,0
Uréia	37.120	1,1	49.167	1,2	35.734	0,9	43.458	1,2	76.944	1,8	33.746	1,4
Dióxido-ortofosfato de amônio	44.766	1,4	39.979	1,0	54.870	1,4	56.116	1,6	72.736	1,7	32.992	1,4
Outras partes e acessórios p/tratores e veículos	24.559	0,8	34.524	0,9	32.339	0,8	40.337	1,1	60.906	1,5	30.672	1,3
Outros couros/peles bovinos	89.653	2,7	86.119	2,1	94.667	2,3	29.557	0,8	52.997	1,3	21.012	0,9
Amaz com casca	64.745	2,0	12.442	0,5	18.772	0,3	15.979	0,5	50.538	1,2	7.563	0,3
Outros	2.191.327	66,8	2.239.629	55,6	2.526.847	62,5	2.083.875	59,0	2.298.488	54,9	1.120.279	47,3
Total importado	3.272.982	100,0	4.021.462	100,0	4.050.717	100,0	3.530.815	100,0	4.189.598	100,0	2.370.047	100,0

Fonte: MDIC

1. Dados do primeiro semestre

¹ A companhia norte-americana *AGCO Corporation*, responsável por 25% da produção mundial de máquinas agrícolas, é a maior exportadora do produto no Brasil. No Rio Grande do Sul, existem duas unidades, uma em Canoas e outra em Santa Rosa.

² Não existe total compatibilidade entre a metodologia dos dados da Pesquisa PIM-PF do IBGE, que inclui a produção de máquinas agrícolas na atividade "fabricação de máquinas e equipamentos", e das informações do MDIC, que inclui parte desses itens no capítulo 84, e parte no capítulo 87.